

# LISA KLEYPAS

..... SÉRIE THE TRAVIS FAMILY-4.....

## A ESCOLHA

GUTENBERG



LISA  
KLEYPAS

..... SÉRIE THE TRAVIS FAMILY - 4 .....



A ESCOLHA

TRADUÇÃO A C REIS

 GUTENBERG

Copyright © 2015 Lisa Kleypas

All Rights reserved to William Morris Endeavor Entertainment, LLC

Copyright © 2019 Editora Gutenberg

Título original: *Brown-Eyed Girl*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Rejane Dias*

EDITORA ASSISTENTE *Carol Christo*

ASSISTENTE EDITORIAL

*Andresa Vidal Vilchenski*

PREPARAÇÃO *Carol Christo*

REVISÃO *Júlia Sousa*

CAPA *Larissa Carvalho Mazzoni (sobre imagem de Anastasiya Ramsha e Evgeny Karandaev / shutterstock e Erstudiosok / istock)*

DIAGRAMAÇÃO

*Larissa Carvalho Mazzoni*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro,  
SP, Brasil**

Kleypas, Lisa

A escolha / Lisa Kleypas ; tradução A. C. Reis. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2019. -- (Série The Travis Family , 4)

Título original: *Brown-Eyed Girl* .

ISBN 978-85-8235-592-3

1. Romance norte-americano I. Título. II. Série.

19-27485 CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático: 1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** ©

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar . Conj. 2310-2312 Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420, Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

Para Eloisa James e Linda Francis Lee,  
que me deixam feliz quando o céu está cinza.

Amor, sempre,

L.K.

## CAPÍTULO UM

Como uma experiente cerimonialista, eu estava preparada para quase todo tipo de emergência que poderia ocorrer no grande dia.

A não ser escorpiões. Isso foi novidade.

O movimento característico o revelou: corridas furtivas para frente e para trás nos ladrilhos do pátio da piscina. Na minha opinião, não existe criatura de aparência mais maligna que um escorpião. Normalmente o veneno não mata, mas durante os primeiros minutos após ser picado, você iria preferir estar morto.

A primeira regra para lidar com emergências é: *não entre em pânico*. Mas quando o escorpião deslizou na minha direção, com suas garras e a cauda curva para cima, esqueci a regra número um e soltei um grito. Frenética, vasculhei minha bolsa, sempre tão pesada que, quando a ponho no banco do passageiro, o carro sinaliza para que eu coloque o cinto de segurança nela. Minha mão passou por lenços, canetas, curativos, garrafa d'água, produtos para o cabelo, desodorante, álcool em gel, hidratante, estojos de maquiagem e manicure, pinças, um estojo de costura, cola, fones de ouvido, xarope para tosse, uma barra de chocolate, analgésicos, tesoura, lixa, escova, tarraxas de brinco, elásticos, absorventes, removedor de manchas, aparelho de depilação, grampos, uma lâmina de barbear, fita dupla face e cotonetes.

O objeto mais pesado que consegui encontrar foi uma pistola de cola quente, que joguei no escorpião. A pistola quicou inofensiva no ladrilho, e o escorpião se eriçou para defender seu território. Pegando uma lata de spray para o cabelo, dei um passo à frente, determinada, porém cautelosa.

– Isso não vai funcionar – ouvi alguém dizer numa voz grave e divertida. – A menos que você queira que ele adquira brilho e volume.

Assustada, levantei os olhos enquanto o estranho passava por mim, um homem alto, de cabelos pretos, vestindo jeans, botas e uma camiseta muito gasta por incontáveis lavagens.

– Eu cuido disso – ele declarou.

Recuei alguns passos e enfiei spray de volta na bolsa.

– Eu... eu pensei que o spray pudesse sufocar o bicho.

– Não. Um escorpião pode prender a respiração por até uma semana.

– Sério?

– Sim, senhora. – Ele esmagou o escorpião com a bota, e finalizou com um pisão extra com o salto. Não havia nada que um texano matasse mais completamente do que um escorpião ou um cigarro aceso. Após chutar o exoesqueleto para um canteiro de flores ao lado, ele se virou e me deu um olhar demorado, me estudando. Aquela avaliação puramente máscula fez meu batimento cardíaco entrar em novo frenesi. Eu me peguei encarando aqueles olhos cor de melação. Era um homem impressionante, de feições marcantes, o nariz forte e o maxilar definido. A barba por fazer parecia dura o suficiente para lixar a pintura de um carro. Era grande, mas magro, com os músculos dos braços e do peito definidos como pedra lapidada por baixo daquela camiseta gasta. A aparência de um homem cafajeste, quem sabe até um pouco perigoso.

O tipo de homem que faz você se esquecer de respirar.

As botas e as bainhas esfarrapadas do jeans estavam manchadas de barro que já começava a secar. Ele devia ter passado perto do riacho que cortava os dois mil hectares do Rancho Stardust. Vestido daquele jeito, não podia ser um dos convidados do casamento, que, em sua maioria, possuíam fortunas inconcebíveis.

Enquanto seu olhar deslizava por mim, soube exatamente o que ele estava vendo: uma mulher robusta, beirando os 30 anos, cabelos ruivos e óculos enormes. “Forever 51”, era como Sofia, minha irmã mais nova, descrevia meu jeito de vestir; blusa social e calças com pernas largas e elástico na cintura. Se o visual era pouco atraente para os homens – e de fato era –, melhor ainda. Não pretendia atrair ninguém.

– Escorpiões não costumam sair à luz do dia – eu disse, um pouco nervosa.

– O inverno foi curto, e a primavera, seca. Estão procurando umidade. A piscina vai fazer os escorpiões aparecerem.

Ele tinha um jeito preguiçoso e tranquilo de falar, como se cada palavra fosse cozinhada durante horas em fogo baixo.

Desviando-se do meu olhar, o estranho se abaixou para pegar a pistola de cola quente. Enquanto me entregava, nossos dedos se tocaram por um

instante, e senti uma pontada abaixo das costelas. Também senti seu cheiro: sabonete branco, poeira e grama selvagem.

– É melhor trocar isso – ele aconselhou, olhando para o meu sapato de ponta aberta. – Você tem botas? Tênis?

– Receio que não – eu disse. – Vou ter que me arriscar. – Reparei na câmera que ele tinha colocado sobre uma das mesas do pátio, uma Nikon com lentes profissionais. – Você é fotógrafo? – perguntei.

– Sim, senhora.

Ele devia ser um dos assistentes contratados por George Gantz, o fotógrafo do casamento. Estendi-lhe minha mão.

– Sou Avery Crosslin – disse num tom amistoso, mas polido. – A cerimonialista do casamento.

Ele segurou minha mão, um aperto quente e firme. Senti um pequeno choque de prazer com o contato.

– Joe Travis. – O olhar dele continuou preso ao meu, e, por algum motivo, ele segurou minha mão por alguns segundos além do necessário. Um calor inexplicável inundou meu rosto numa onda repentina. Fiquei aliviada quando ele finalmente me soltou.

– George lhe deu cópias da linha do tempo e da lista de fotos? – perguntei, tentando parecer profissional.

Essa pergunta recebeu um olhar inexpressivo como resposta.

– Não se preocupe – eu disse –, temos mais cópias. Vá até a casa principal e procure o Steven, meu assistente. Ele deve estar na cozinha com o pessoal do bufê. – Peguei um cartão de visita na minha bolsa. – Se tiver algum problema, aqui está meu telefone.

– Obrigado – ele pegou o cartão. – Mas na verdade eu não...

– Os convidados deverão estar sentados às 18h30 – eu disse, abruptamente. – A cerimônia vai começar às 19 horas e terminar às 19h30. E vamos querer fotos dos noivos antes do pôr do sol, que acontecerá às 19h41.

– Você agendou isso também? – Um brilho de deboche reluziu nos olhos dele.

Disparei-lhe um olhar de advertência.

– É melhor se arrumar antes que os convidados acordem e apareçam. – Procurei um aparelho de barbear descartável na minha bolsa. – Pronto, pegue isto. Pergunte ao Steven onde você pode se barbear e...

– Devagar aí, querida. Tenho minha própria lâmina de barbear. – Ele

sorriu. – Você sempre fala assim tão rápido?

Franzi a testa e voltei o aparelho para a bolsa.

– Tenho que trabalhar. Sugiro que você faça o mesmo.

– Não trabalho para esse George. Sou fotógrafo comercial e freelancer. Não faço casamentos.

– Então o que você está fazendo aqui? – perguntei.

– Sou convidado. Amigo do noivo.

Pasma, encarei-o com os olhos arregalados. O calor do constrangimento foi se espalhando até me cobrir dos pés à cabeça.

– Me desculpe – consegui dizer. – Quando vi sua câmera, deduzi...

– Não tem problema.

Não havia nada que eu detestasse mais do que parecer uma tonta; nada. Ser vista como competente era essencial para criar uma base de clientes... principalmente uma clientela de classe alta, que era o que eu buscava. Mas no dia do maior e mais caro casamento que eu e minha empresa tínhamos organizado, aquele homem iria contar para seus amigos ricos que eu o tinha confundido com um empregado. Haveria risadinhas pelas minhas costas. Piadas maldosas. Desprezo.

– Se me der licença... – Eu me virei e me afastei o mais depressa que consegui sem começar a correr.

– Ei – ouvi Joe dizer, me alcançando com algumas passadas largas. Ele tinha pegado a câmera e a pendurado pela alça no ombro. – Espere. Não precisa ficar nervosa.

– Não estou nervosa – disse, seguindo na direção de um pavilhão com piso de ladrilho e telhado de madeira. – Estou ocupada.

Ele acompanhava meu ritmo com facilidade.

– Espere um instante. Vamos começar de novo.

– Sr. Travis... – comecei, e parei onde estava quando percebi quem ele de fato era. – Deus – disse, nauseada, fechando os olhos por um instante. – Você é um daqueles Travis, não é?

Joe se colocou à minha frente e me encarou, curioso.

– Depende do que você quer dizer com “daqueles”.

– Petróleo, jatos executivos, iates, mansões. Daqueles.

– Não tenho uma mansão. Moro numa casa caindo aos pedaços em Sixth Ward.

– Você continua sendo um deles – insisti. – Seu pai é Churchill Travis, não



é?

– Era. – ele respondeu, uma sombra nublando seu semblante.

Tarde demais, lembrei que, cerca de seis meses antes, o patriarca da família Travis tinha morrido de um ataque cardíaco repentino. Os meios de comunicação deram muito espaço ao funeral, descrevendo sua vida e suas realizações detalhadamente. Churchill tinha feito sua imensa fortuna com investimentos em capital de risco e com seu crescimento, em grande parte relacionado à energia. Com grande visibilidade nos anos 1980 e 1990, foi frequente convidado por programas de TV sobre finanças e negócios. Ele e seus herdeiros eram o equivalente à realeza no Texas.

– Eu... sinto muito por sua perda – disse, constrangida.

– Obrigado.

Um silêncio cauteloso se seguiu. Senti o olhar dele passeando por mim, tão intenso quanto o calor do sol.

– Escute, Sr. Travis...

– Joe.

– Joe – repeti. – Estou muito preocupada. Este casamento é uma produção complicada. No momento estou administrando a montagem do local da cerimônia, a decoração de uma tenda de oitocentos metros quadrados, um jantar de gala e um baile com orquestra ao vivo para quatrocentos convidados, além de uma after-party tarde da noite. Então peço desculpas pela confusão, mas...

– Não precisa se desculpar – ele disse, com delicadeza. – Eu deveria ter falado antes, mas é difícil conseguir dizer algo quando você está falando. – Um toque de divertimento brincou nos cantos de sua boca. – Isso quer dizer que ou eu vou ter que falar mais rápido, ou você vai ter que diminuir o ritmo.

Por mais tensa que estivesse, senti vontade de retribuir o sorriso.

– O nome Travis não precisa te deixar sem graça – ele continuou. – Acredite em mim; ninguém que conhece minha família fica impressionado com a gente. – Ele me observou por um instante. – Aonde vai agora?

– Ao pavilhão – eu disse, indicando com a cabeça a estrutura com teto de madeira ao lado da piscina.

– Vou com você. – Diante da minha hesitação, ele acrescentou: – Para o caso de você topiar com outro escorpião ou alguma outra praga. Tarântulas, lagartos... abro o caminho para você.

Cheguei à conclusão de que aquele homem conseguiria encantar até o

chocalho de uma cascavel.

– Aqui não está tão ruim assim – eu disse.

– Você precisa de mim – ele afirmou, decidido.

Fomos juntos até o local da cerimônia, atravessando um bosque de carvalhos. A tenda branca da recepção, a distância, estava disposta sobre uma relva cor-de-esmeralda como uma imensa nuvem que tinham baixado para descansar. Não havia como saber quanta água preciosa tinha sido usada para manter aquele oásis de grama verde, disposto ali poucos dias antes. E cada uma daquelas folhas verdes teria que ser arrancada no dia seguinte.

Stardust era um rancho ativo de dois mil hectares, com uma casa principal, um grupo de casas para convidados e outras edificações, um estábulo e uma arena de adestramento. Minha empresa de planejamento de eventos tinha conseguido alugar aquela propriedade enquanto os donos estavam em um cruzeiro. O casal tinha concordado com a condição de que a propriedade seria devolvida exatamente do jeito que estava antes do casamento.

– Há quanto tempo faz isso? – Joe perguntou.

– Organização de casamentos? Eu e minha irmã Sofia começamos a empresa há cerca de três anos. Antes disso eu trabalhava com design de vestidos de noiva em Nova York.

– Você deve ser boa, já que foi contratada para o casamento de Sloane Kendrick. Judy e Ray não aceitariam nada que não fosse o melhor.

Os Kendricks eram proprietários de uma rede de lojas de penhores que se estendia de Lubbock a Galveston. Ray Kendrick, ex-peão de rodeios com um rosto que parecia um nó de madeira, estava gastando um milhão de dólares com o casamento de sua única filha. Se minha equipe desse conta desse evento, não daria pra mensurar quantos clientes de primeira linha poderíamos conseguir.

– Obrigada – disse. – Temos uma boa equipe. Minha irmã é muito criativa.

– E você?

– Eu cuido da parte administrativa. E sou a organizadora principal. É minha responsabilidade garantir que cada detalhe esteja perfeito.

Chegamos ao pavilhão, onde três funcionários da empresa de locação arrumavam as cadeiras pintadas de branco. Vasculhando na minha bolsa, encontrei uma trena de medição, que estendi entre os cordões dispostos como guias para alinhar as cadeiras.

– O corredor tem que ter 1,80 m de largura – avisei os funcionários. –

Afastem o cordão, por favor.

– Está com 1,80 m. – um deles respondeu.

– Está com 1,75 m.

O rapaz me dirigiu um olhar de sofrimento.

– Não está quase lá?

– 1,80 m. – insisti e deixei a trena recolher a fita com um estalo.

– O que você faz quando não está trabalhando? – Joe perguntou atrás de mim.

– Estou sempre trabalhando – disse, virando-me para ele.

– Sempre? – ele repetiu, cético.

– Acredito que poderei diminuir o ritmo quando a empresa estiver bem estabelecida. Mas por enquanto... – Dei de ombros. Parecia que eu nunca conseguiria fazer o suficiente no meu dia. E-mails, telefonemas, planos a serem feitos, providências a serem tomadas.

– Todo mundo precisa de algum tipo de hobby.

– Qual é o seu?

– Pescar, quando consigo. Caçar, dependendo da temporada. De vez em quando, faço trabalho voluntário com fotografia.

– Que tipo de trabalho?

– Fotografo para um abrigo de animais. Uma boa foto no site pode ajudar um cachorro a ser adotado com maior rapidez. – Joe fez uma pausa. – Talvez algum dia você pudesse...

– Desculpe... sinto muito – ouvi um toque de celular em algum lugar do abismo da minha bolsa, repetindo as cinco primeiras notas da marcha nupcial. Quando peguei o aparelho, vi que era minha irmã.

– Estou ligando para o adestrador de pombos, mas ele não atende – Sofia disse assim que atendi. – Ele nunca confirmou o contêiner que nós queríamos para a revoada.

– Você deixou mensagem? – perguntei.

– Cinco mensagens. E se algo estiver errado? E se ele estiver doente?

– Ele não está doente – procurei tranquilizá-la.

– Ele pode ter pegado gripe aviária dos pombos.

– As aves dele não são pombos comuns. São pombos brancos, de uma raça resistente à gripe.

– Tem certeza?

– Tente de novo dentro de duas horas – eu disse, procurando tranquilizá-la.

– Ainda são só 7 horas da manhã. Acho que ele ainda nem acordou.

– E se ele não aparecer?

– Ele vai aparecer – eu disse. – Ainda está cedo demais para entrar em pânico, Sofia.

– Quando posso entrar em pânico?

– Não pode – afirmei. – Sou a única que pode fazer isso. Avise se não conseguir falar com ele até as 10 horas.

– Está bem.

Guardei o celular na bolsa e dei um olhar interrogativo para Joe.

– Você dizia algo sobre um abrigo de animais?

Ele me observava com os polegares enganchados nos bolsos e a maior parte de seu peso apoiado em uma perna, uma postura que era ao mesmo tempo firme e relaxada. Nunca tinha visto nada mais sexy na minha vida.

– Posso levar você comigo – ele disse – da próxima vez que eu for ao abrigo. Não me incomoda dividir meu hobby até você encontrar o seu.

Demorei para responder. Meus pensamentos estavam dispersos como um bando de pintinhos em uma fazendinha para crianças. Tive a impressão de que ele estava me convidando para ir a algum lugar. Quase como... um encontro?

– Obrigada – eu disse, enfim. – Mas minha agenda está lotada.

– Deixe-me levar você a algum lugar, algum dia – ele insistiu. – Nós podemos sair para beber... ou almoçar.

Raramente eu ficava sem saber o que dizer, mas tudo que consegui foi ficar parada, pasma, em silêncio.

– Vamos fazer o seguinte – a voz dele tornou-se insistente e suave. – Vou levar você a Fredericksburg uma manhã dessas, enquanto o dia ainda estiver fresco, e teremos a estrada só para nós. Pararemos para comprar café e um pacote de kolaches<sup>1</sup>. Então vou levá-la até um campo tão cheio de bluebonnets que você vai jurar que meio céu caiu sobre o Texas. Vamos encontrar uma árvore debaixo da qual assistiremos ao nascer do sol. O que acha?

Isso me parecia o tipo de dia adequado a alguma outra mulher, acostumada a receber atenção de homens atraentes. Por um segundo me permiti imaginar a cena: eu descansando com ele numa manhã silenciosa, em um campo azul. Estava prestes a concordar com qualquer coisa que ele pedisse. Mas não podia correr esse risco. Nem naquele instante nem nunca. Um homem como

Joe Travis com certeza tinha partido tantos corações que o meu não significaria nada para ele.

– Não estou disponível – soltei.

– Você é casada?

– Não.

– Está noiva?

– Não.

– Mora com alguém?

Neguei com a cabeça.

Joe ficou quieto por alguns segundos, encarando-me como se eu fosse um enigma aguardando ser decifrado.

– Vejo você mais tarde – ele disse, enfim. – Enquanto isso... vou pensar num modo de conseguir um “sim” de você.

## CAPÍTULO DOIS

Sentindo-me um pouco atordoada depois do encontro com Joe Travis, voltei para a casa principal e encontrei minha irmã no escritório. Sofia era tão linda, com os cabelos pretos e os olhos cor de mel esverdeados. Era curvilínea como eu, mas vestia-se com estilo, sem medo de exibir seu corpo de violão.

– O adestrador de pombos acabou de ligar – Sofia disse, triunfante. – As aves estão confirmadas. – Ela me olhou, preocupada. – Seu rosto está vermelho. Está desidratada? – Ela me entregou uma garrafa de água. – Tome.

– Acabei de conhecer uma pessoa – eu disse depois de alguns goles.

– Quem? O que aconteceu?

Sofia e eu éramos meias-irmãs que cresceram distantes. Ela morava com a mãe dela em San Antonio, enquanto eu morava com a minha em Dallas. Embora eu soubesse da existência de Sofia, não a conheci até sermos ambas adultas. A árvore da família Crosslin tinha galhos demais, graças aos cinco casamentos desfeitos e aos inúmeros casos de nosso pai Eli, um homem de cabelo dourado e sorriso ofuscante que corria compulsivamente atrás das mulheres.

Ele adorava a sensação da conquista. Depois que a empolgação diminuía, contudo, ele não era capaz de se acomodar à vida com uma mulher. A propósito, ele também nunca conseguiu ficar no mesmo emprego por mais do que um ano ou dois.

Houve outras crianças além de Sofia e eu, meios-irmãos e filhos e filhas das companheiras de meu pai. Todos nós fomos abandonados por Eli. Após uma visita ou um telefonema eventual, ele desaparecia por longos períodos, às vezes alguns anos. E então reaparecia brevemente, carismático e animado, cheio de histórias interessantes e promessas nas quais eu sabia que não devia acreditar.

Quando conheci Sofia, Eli tinha acabado de sofrer um derrame grave, algo inesperado para um homem da idade dele, que estava em boa forma física.

Saí de Nova York de avião para encontrar uma jovem desconhecida no quarto do hospital. Antes mesmo de ela se apresentar, eu sabia que era uma das filhas de Eli. Embora suas cores – o cabelo preto e a pele dourada brilhante – viessem do lado hispânico da família de sua mãe, as feições delicadas e esculpidas vinham, sem dúvida, do nosso pai.

Ela me deu, então, um sorriso cauteloso, porém amistoso.

– Eu sou a Sofia.

– Avery. – Estendi-lhe a mão para um cumprimento constrangido, mas ela se adiantou e me abraçou, e me peguei retribuindo o carinho, pensando minha irmã, e sentindo uma ligação que jamais teria esperado. Olhei sobre o ombro dela para Eli deitado na cama do hospital, ligado às máquinas, e não consegui soltá-la. Não foi um incômodo para Sofia, já que ela nunca era a primeira a se desvencilhar de um abraço.

Apesar de todas as ex-mulheres e os filhos que Eli tinha acumulado, Sofia e eu fomos as únicas a aparecer. Não culpo nenhum dos outros por isso; eu mesma não tinha muita certeza de por que estava ali. Eli nunca tinha lido uma história de ninar para mim, nem feito um curativo num joelho ralado, nem qualquer outra coisa que pais deveriam fazer. Em seu egocentrismo, nunca lhe sobrou atenção para dar a seus filhos. Além do mais, a dor e a raiva das mulheres que ele tinha abandonado dificultavam o contato com os filhos, mesmo que ele o quisesse. O método habitual de Eli terminar um relacionamento ou casamento era ter um caso, traindo a mulher até ser pego e posto para fora de casa. Minha mãe nunca o perdeu por isso.

Mas mamãe também repetia o mesmo padrão, ficando com cafajestes, mentirosos, fracassados – homens que exibiam um sinal de perigo na testa. Em meio a uma confusão de casos, ela tinha se casado e se divorciado mais duas vezes. O amor tinha lhe trazido tão pouca felicidade que era de admirar que ela continuasse a procurá-lo.

Na cabeça da minha mãe, a culpa cabia inteiramente ao meu pai, o homem que a tinha colocado no caminho da autossabotagem. Quando fiquei mais velha, contudo, comecei a imaginar se o motivo para a mamãe odiar tanto Eli era o fato de serem tão parecidos. Era grande a ironia, já que ela era uma secretária temporária, indo de um escritório para outro, de um chefe para outro. Quando lhe ofereceram um emprego permanente em uma das empresas, ela recusou. Seria monótono demais, ela disse, fazer a mesma coisa todos os dias, ver as mesmas pessoas sempre. Eu tinha 16 anos na época, e

era impertinente o bastante pra dizer que, com aquela atitude, ela não teria mesmo ficado casada com Eli. Isso provocou uma discussão que quase me fez ser expulsa de casa. Mamãe ficou tão furiosa com meu comentário que me fez perceber que eu tinha razão.

Pelo que pude observar, o tipo de amor que ardia mais quente era também o que queimava mais rápido. Não podia sobreviver depois que a novidade e a empolgação tinham passado, e era necessário tirar os pares de meia da secadora e combiná-los, passar o aspirador no sofá para tirar os pelos de cachorro e organizar a bagunça da casa. Eu não queria saber desse tipo de amor; não conseguia enxergar os benefícios. Como os altos e baixos de uma droga destrutiva, os momentos de empolgação nunca duram o bastante, e os de desânimo deixam a pessoa se sentindo vazia e querendo mais.

Quanto ao meu pai, cada mulher que ele supostamente amou, até mesmo aquelas com as quais se casou, não foi nada além de uma parada no caminho antes de encontrar outra. Ele tinha sido um viajante solitário na jornada da vida, e foi assim que terminou. O administrador do condomínio de apartamentos em que Eli morava o encontrou inconsciente no chão de sua sala de estar, depois que meu pai não apareceu para renovar o aluguel.

Eli foi levado para o hospital numa ambulância, mas nunca recuperou a consciência.

– Minha mãe não vem – eu disse para Sofia quando nos sentamos naquele quarto de hospital.

– A minha também não.

Então nos entreolhamos com compreensão mútua. Nenhuma de nós precisou perguntar por que ninguém mais tinha ido se despedir. Quando um homem abandona sua família, a mágoa que isso causa continua a extrair o pior das pessoas mesmo muito tempo depois que ele partira.

– Por que está aqui? – arrisquei perguntar.

Enquanto Sofia pensava na resposta, o silêncio era preenchido pelos bipes de um monitor e pelo ruído rítmico do ventilador.

– Minha família é mexicana – ela disse, enfim. – Para nós, tudo é uma questão de tradição, de estarmos juntos. Sempre quis essa sensação de pertencimento, mas sabia que era diferente. Meus primos todos têm pais, mas o meu era um mistério. Mamá nunca falava dele. – O olhar dela foi para a cama onde nosso pai jazia em meio a um emaranhado de tubos e fios que o hidratavam, alimentavam, oxigenavam, regulavam e drenavam. – Eu só o



tinha visto uma vez, quando era pequena e ele apareceu para uma visita. Mamá não o deixou falar comigo, mas corri atrás dele enquanto ele voltava para o carro. Segurava uns balões que tinha levado pra mim. – Sofia sorriu, distante. – Achei que aquele era o homem mais bonito do mundo. Ele amarrou a fita dos balões no meu pulso, para que não voassem para longe. Depois que ele foi embora, tentei entrar na casa com os balões, mas mamá falou para eu me livrar deles. Então soltei a fita e deixei que fossem, fazendo um pedido enquanto os via subindo.

– Você pediu para ver seu pai de novo algum dia – eu disse em voz baixa.

Sofia assentiu.

– Foi por isso que vim. E você?

– Porque pensei que ninguém mais viria. E se alguém tivesse que cuidar de Eli, não queria que fosse um completo estranho.

A mão de Sofia cobriu a minha com uma naturalidade que fez parecer que nos conhecíamos a vida toda.

– Agora somos duas – ela disse apenas.

Eli faleceu no dia seguinte, mas no processo de perdê-lo, Sofia e eu nos descobrimos.

À época eu trabalhava fazendo vestidos de noiva, mas minha carreira estava estagnada. Sofia trabalhava como babá em San Antonio, e também planejava festas infantis. Nós conversamos a respeito de começarmos uma empresa de cerimonial de casamentos. No momento, um pouco mais de três anos depois, nossa empresa, sediada em Houston, ia melhor do que jamais tínhamos ousado imaginar. Cada pequeno sucesso preparava terreno para o próximo, permitindo que contratássemos três empregados e um estagiário. Com o casamento da jovem Kendrick, estávamos para dar um grande passo.

Desde que não estragássemos tudo.

– Por que não disse “sim”? – Sofia quis saber depois que contei sobre o encontro com Joe Travis.

– Porque não acreditei, nem por um minuto, que ele estivesse mesmo interessado em mim. – fiz uma pausa. – Ah, não me olhe assim. Você sabe que esse tipo de homem só quer mesmo uma mulher-troféu.

Eu era cheia de curvas desde a adolescência. Ia para todo lugar caminhando, subia de escada sempre que possível e fazia aula de dança duas vezes por semana. Minha alimentação era saudável; comia salada suficiente para fazer um peixe-boi engasgar. Mas nenhuma quantidade de exercício nem

qualquer dieta faria com que eu coubesse num vestido menor que 40. Sofia vivia me dizendo para comprar roupas mais reveladoras, mas sempre lhe dizia que faria isso no dia em que chegasse ao “tamanho certo”.

– Mas está certo agora – Sofia respondia.

Sabia que não devia deixar uma balança de banheiro ficar entre mim e a felicidade. Alguns dias eu ganhava, mas com mais frequência era a balança que vencia.

– Minha avó sempre dizia: “Sólo las ollas saben los hervores de su caldo”.

– Algo a respeito de sopa? – tentei adivinhar. Sempre que Sofia contava uma frase sábia de sua avó, geralmente tinha a ver com comida.

– Só as panelas sabem como ferver seu caldo – Sofia traduziu. – Quem sabe Joe Travis não é do tipo que adora uma mulher com corpo de verdade? Os homens que conheci em San Antonio preferiam mulheres com pompis grande. – Ela bateu no próprio traseiro para enfatizar, indo até seu notebook.

– O que está fazendo? – eu perguntei.

– Pesquisando sobre ele no google.

– Agora?

– Só vai levar um minuto.

– Você não tem um minuto... deveria estar trabalhando!

Me ignorando, Sofia continuou apertando as teclas, com apenas dois dedos.

– Não ligo para o que encontrar sobre ele – eu disse. – Porque estou meio ocupada com essa coisa que nós temos... O que era mesmo?... Ah, sim, um casamento.

– Ele é gato – Sofia disse, olhando para o monitor. – E o irmão dele também.

Ela tinha clicado num artigo do Houston Chronicle, que exibia uma foto de três homens, todos vestindo lindos ternos sob medida. Um deles era Joe, mais novo e esguio do que é hoje. Ele devia ter acumulado uns quinze quilos de músculos desde que aquela foto tinha sido tirada. A legenda sob a imagem identificava os outros dois como Jack, irmão de Joe, e Churchill, o pai deles. Os dois filhos eram uma cabeça mais altos que o pai, mas ambos carregavam seus traços – os cabelos castanhos, os olhos intensos e o maxilar definido.

Franzi a testa quando li o artigo que acompanhava a foto.

HOUSTON, Texas (AP) Após a explosão de seu iate, os dois filhos de Churchill Travis, empresário de Houston, passaram quatro horas em meio a destroços

fumegantes enquanto aguardavam resgate. Após um imenso esforço de busca feito pela Guarda Costeira, os irmãos Jack e Joseph foram localizados nas águas do Golfo perto de Galveston. Joseph Travis foi levado de helicóptero diretamente para a unidade de trauma do Hospital Garner e submetido a cirurgia de emergência. De acordo com um porta-voz do hospital, sua condição foi definida como crítica, mas estável. Embora detalhes da cirurgia não tenham sido liberados, uma fonte próxima à família confirmou que Travis sofria de hemorragia interna e também...

– Espere! – protestei quando Sofia clicou em outro link. – Eu estava lendo.

– Pensei que não estava interessada – ela disse, provocativa. – Ei, olhe isto.

– Ela encontrou uma página intitulada “Os dez solteiros mais desejados de Houston”. O artigo exibia uma foto espontânea de Joe jogando futebol na praia com amigos, o corpo esguio e definido, musculoso, mas sem exageros. Os pelos escuros do peito estreitavam-se mais para baixo, formando uma linha que descia até a cintura dos shorts largos. Era o retrato da masculinidade descontraída, sensual acima de qualquer medida.

– 1,85 m – Sofia disse, lendo as informações. – 29 anos. Formado na Universidade do Texas. Signo de Leão. Fotógrafo.

– Que clichê – eu disse, fazendo pouco caso.

– Ser fotógrafo é clichê?

– Não para um cara comum. Mas para um garotão herdeiro, é uma manifestação de vaidade.

– Quem liga para isso? Vamos ver se ele tem um site.

– Sofia, está na hora de parar de tietar esse cara e começar a trabalhar.

Uma nova voz entrou na conversa quando meu assistente, Steven Cavanaugh, apareceu no escritório. Ele era um homem atraente, com 20 e tantos anos, loiro, esguio, de olhos azuis.

– Tietar quem? – ele perguntou.

Sofia respondeu antes que eu pudesse.

– Joe Travis – ela disse. – Da família Travis. Avery acabou de conhecer o Joe.

Steven olhou para mim com interesse genuíno.

– Fizeram uma reportagem sobre ele no CultureMap no ano passado. Ele ganhou um prêmio Key Art pelo cartaz daquele filme.

– Que cartaz de filme?

– O cartaz daquele documentário sobre soldados e cães militares. – Steven nos deu um olhar irônico ao ver nossas expressões pasmas. – Esqueci que vocês duas só assistem a novelas. Joe Travis foi para o Afeganistão com a

equipe do filme. Era fotógrafo de cena. Usaram uma das fotos dele no cartaz.  
– Ele sorriu quando viu minha expressão. – Você devia ler o jornal de vez em quando, Avery. Às vezes é útil.

– É para isso que tenho você – eu disse.

Nada escapava ao intrincado sistema de arquivo que era a mente de Steven. Invejava a capacidade que ele tinha de guardar quase todos os detalhes, como onde o filho de fulana fez faculdade, ou o nome do cachorro de alguém, ou se a pessoa tinha acabado de fazer aniversário.

Entre seus muitos talentos, Steven era designer de interiores, especialista em design gráfico e paramédico. Nós o contratamos logo após fundarmos a Crosslin Design de Eventos, e ele tinha se tornado tão necessário à empresa que não conseguia imaginar como faríamos sem ele.

– Joe Travis convidou Avery para sair – Sofia contou para Steven.

– O que você respondeu? – perguntou Steven, dirigindo-me um olhar desconfiado. Diante do meu silêncio, ele se virou para Sofia. – Não me diga que ela recusou.

– Ela recusou – Sofia confirmou.

– É claro. – O tom de Steven foi áspero. – Avery nunca iria gastar seu tempo com um cara rico, bem-sucedido, cujo nome lhe abriria qualquer porta em Houston.

– Parem com isso – eu disse, brusca. – Temos trabalho a fazer.

– Primeiro quero falar com você. – Steven olhou para Sofia. – Faça-me um favor e verifique se já começaram a montar as mesas da recepção.

– Não comece a me dar ordens.

– Não estou dando ordens, estou pedindo.

– Não pareceu um pedido.

– Por favor – Steven disse com acidez. – Por favorzinho, Sofia, vá até a tenda da recepção e veja se já começaram a montar as mesas.

Sofia saiu do escritório fazendo uma careta.

Balancei a cabeça, exasperada. Sofia e Steven eram hostis um com o outro, ofendiam-se com qualquer coisa e demoravam para perdoar – coisas que nenhum dos dois fazia com outras pessoas.

Não tinha sido assim no começo. Quando Steven foi contratado, ele e Sofia logo se tornaram amigos. Ele era sofisticado, arrumava-se com perfeição e possuía tal humor ácido que eu e Sofia acreditamos, automaticamente, que

ele fosse gay. Passaram-se três meses antes de nos darmos conta de que não era.

– Não, sou hétero – ele disse, num tom despreocupado.

– Mas... você foi fazer compras comigo – Sofia argumentou.

– Porque você me pediu.

– Eu deixei você entrar no provador – Sofia continuou, cada vez mais brava. – Experimentei um vestido na sua frente. E você não disse nada.

– Eu disse obrigado.

– Você deveria ter me dito que não era gay!

– Eu não sou gay.

– Agora é tarde demais! – Sofia protestou.

Desde então, minha irmã, sempre tão bem-disposta, tinha dificuldades em demonstrar a Steven algo além do grau mínimo de educação. E ele reagia de acordo, com seus comentários espinhosos sempre atingindo o alvo. Apenas minhas frequentes intervenções evitavam que o conflito desandasse para uma guerra declarada.

Depois que Sofia saiu, Steven fechou a porta do escritório para termos privacidade. Ele encostou as costas na porta e cruzou os braços, contemplando-me com uma expressão enigmática.

– Sério? – ele enfim perguntou. – Você é assim tão insegura?

– Não posso dizer “não” quando um homem me convida para sair?

– Quando foi a última vez que você disse “sim”? Quando foi a última vez que você saiu com um cara para tomar um café, uns drinques, ou apenas conversar sem que fosse sobre trabalho?

– Isso não é da sua conta.

– Como seu empregado... você tem razão, não é mesmo. Mas no momento estou conversando com você como amigo. Você é uma mulher saudável de 27 anos e, até onde eu sei, não esteve com ninguém nos últimos três anos. Para seu próprio bem, seja com esse cara ou com qualquer outro, você precisa voltar à ativa.

– Ele não faz meu tipo.

– Ele é rico, solteiro e um Travis – foi a resposta sarcástica de Steven. – Ele faz o tipo de todo mundo.



Ao fim do dia, eu sentia como se tivesse andado o equivalente a mil quilômetros entre a tenda da recepção, o pavilhão da cerimônia e a casa principal. Embora tudo parecesse estar dando certo, eu sabia que não devia me entregar a uma falsa sensação de segurança. Problemas de último minuto nunca deixavam de atormentar até as cerimônias planejadas meticulosamente.

Os membros da equipe de produção trabalhavam em sintonia para lidar com qualquer problema que surgisse. Tank Mirecki, um “faz-tudo” forte, era ótimo em carpintaria, eletrônica e mecânica. Ree-Ann Davis, uma assistente loira e espevitada com experiência em hotelaria, foi escalada como responsável pela noiva e pelas madrinhas. Uma estagiária morena, Val Yudina, que estava tirando um ano de folga antes de começar a faculdade, cuidava da família do noivo.

Eu usava um rádio com fone de ouvido e microfone de lapela para permanecer em comunicação constante com Sofia e Steven. A princípio, eu e Sofia nos sentimos umas tontas usando procedimentos padrão de comunicação com aqueles rádios que deixavam as mãos livres, mas Steven insistiu, dizendo que não conseguiria tolerar minha voz e a de Sofia no ouvido dele sem que estabelecêssemos algumas regras. Logo percebemos que ele tinha razão; do contrário, estaríamos o tempo todo falando um por cima do outro.

Uma hora antes do programado para os hóspedes estarem sentados, fui até a tenda da recepção. O interior tinha recebido um piso de oitocentos metros quadrados de pau-roxo, uma madeira rara. Parecia um lugar tirado de contos de fadas. Uma dúzia de árvores de bordo com seis metros de altura, cada uma pesando meia tonelada, tinha sido colocada dentro da tenda, para criar uma floresta majestosa com vagalumes de LED piscando entre as folhas. Cordões de cristais não polidos foram pendurados, formando voltas em lustres de bronze. Cada lugar aguardava o convidado com uma lembrancinha do casamento: mel escocês dentro de um pequeno pote de vidro.

Do lado de fora, uma fileira de ares-condicionados portáteis, pesando dez toneladas no total, funcionava sem parar, resfriando o ar dentro da tenda a refrescantes 20° C. Inspirei fundo, apreciando o frescor enquanto conferia minha lista final.

– Sofia – eu disse ao microfone. – O gaitista de fole chegou? Câmbio.

– Afirmativo – minha irmã respondeu. – Eu o levei para a casa principal. Tem um ateliê entre a cozinha e a despensa da copa onde ele pode afinar o

instrumento. Câmbio.

– Entendido. Steven, aqui é Avery. Preciso trocar de roupa. Você pode cuidar de tudo por cinco minutos? Câmbio.

– Negativo, Avery, temos um problema com a revoada de pombos. Câmbio.

Franzi o rosto.

– Entendido. O que está acontecendo? Câmbio.

– Tem um falcão no bosque de carvalhos perto do pavilhão da cerimônia. O adestrador diz que não pode soltar as aves com um predador por perto. Câmbio.

– Diga para ele que nós pagamos a mais se uma das aves for comida. Câmbio.

Sofia interveio.

– Avery, não podemos deixar que um pombo seja apanhado no céu e morto na frente dos convidados. Câmbio.

– Estamos num rancho no sul do Texas – eu respondi. – Se tivermos sorte, metade dos convidados não começará a atirar nos pombos. Câmbio.

– É contra leis federais e estaduais capturar, ferir ou matar um falcão – Steven disse. – Como você propõe que lidemos com isso? Câmbio.

– É ilegal assustar essa droga de falcão? Câmbio.

– Acredito que não. Câmbio.

– Então peça para o Tank pensar num jeito. Câmbio.

– Avery, aguarde – Sofia interveio com urgência na voz. Depois de uma pausa, ela disse: – Estou com Val. Ela está dizendo que o noivo está amarelando. Câmbio.

– Isso é uma piada? – perguntei, pasma. – Câmbio. – Durante todo o noivado e o planejamento do casamento, o noivo, Charlie Amspacher, foi absolutamente firme. Um cara bacana. No passado, alguns casais tinham me feito duvidar de que chegariam ao altar, mas Charlie e Sloane pareciam estar apaixonados de verdade.

– Não é piada – Sofia disse. – Charlie acabou de dizer para Val que quer cancelar. Câmbio.

## CAPÍTULO TRÊS

*Cancelar.* A palavra pareceu ecoar na minha cabeça.

Um milhão de dólares no lixo.

Todas as nossas carreiras estavam em risco.

E Sloane Kendrick ficaria arrasada.

Eu me senti tomada pelo que parecia ser mil doses de adrenalina.

– *Ninguém vai cancelar este casamento* – eu disse num tom pungente. – Vou cuidar disso. Diga para a Val não deixar o Charlie falar com ninguém até eu chegar aí. Coloquem-no em *quarentena*, entenderam? Câmbio.

– Entendido. Câmbio.

– Desligo.

Caminhei apressada até a casa de hóspedes onde a família do noivo se aprontava para a cerimônia. Lutei contra a vontade de começar a correr. Assim que entrei na casa, enxuguei meu rosto suado com um punhado de lenços de papel. Sons de risos, e copos tilintando vinham da sala de estar do térreo.

Val apareceu ao meu lado no mesmo instante. Ela vestia um *tailleur* prateado. Suas microtranças estavam puxadas num coque baixo. Situações de grande pressão nunca pareciam afetá-la. Na verdade, ela normalmente parecia mais calma face a emergências. Quando a fitei nos olhos, contudo, vi sinais de pânico. O gelo da bebida que ela segurava chacoalhava um pouco. O que estava acontecendo com o noivo devia ser sério.

– Avery – ela sussurrou. – Graças a Deus você está aqui. Charlie está querendo cancelar tudo.

– Alguma ideia do motivo?

– Tenho certeza de que o padrinho tem algo a ver com isso.

– Wyatt Vandale?

– Hum-hum. Ele vem fazendo comentários a tarde toda, do tipo “casamento não é nada além de uma armadilha”, “Sloane vai se transformar



numa gorda produtora de bebês” e “é melhor Charlie ter certeza de que não está cometendo um erro”. Não consigo tirá-lo da sala do andar de cima. Está grudado no Charlie como cola.

Eu me xinguei por não ter previsto algo assim. Wyatt, o melhor amigo de Charlie, era um fedelho mimado cuja condição financeira familiar tinha lhe permitido adiar a idade adulta o máximo possível. Era grosseiro, ofensivo e nunca perdia a oportunidade de humilhar as mulheres. Sloane detestava Wyatt, mas tinha me dito que, como ele era amigo de Charlie desde o primeiro ano do fundamental, precisava ser tolerado. Sempre que Sloane reclamava da maldade de Wyatt, Charlie lhe dizia que o amigo tinha bom coração, mas não sabia se expressar. O problema era que Wyatt se expressava bem até demais.

Val me entregou o copo cheio de gelo e um líquido âmbar.

– O drinque é para o Charlie. Sei da regra que não permite álcool, mas acredite em mim, está na hora de ignorá-la.

Eu peguei o copo.

– Tudo bem. Levo para ele. Eu e Charlie vamos ter uma conversa muito séria. Não deixe ninguém interromper.

– E o Wyatt?

– Vou me livrar dele. – Entreguei meu rádio para ela. – Mantenha contato com Sofia e Steven.

– Digo para eles que vamos atrasar?

– Nós vamos começar exatamente no horário marcado – eu disse, sombria. – Se não começarmos, vamos perder a melhor luz natural para a cerimônia. E também não vamos poder fazer a revoada de pombos. Eles têm que voar de volta a Clear Lake, e não vão conseguir no escuro.

Val assentiu e colocou o fone de ouvido, ajustando o microfone. Subi a escada, fui até a sala e bati na porta entreaberta.

– Charlie – chamei-o com a voz mais calma que consegui encontrar. – Posso entrar? Sou eu, Avery.

– Olhe quem está aqui – Wyatt exclamou quando entrei na sala. Seu smoking estava desganhado, e sua gravata preta tinha sumido. Estava cheio de si, certo de ter arruinado o grande dia de Sloane Kendrick. – O que foi que eu lhe disse, Charlie? Agora ela vai tentar convencer você a ir em frente. – Ele me olhou, triunfante. – Tarde demais. Ele já se decidiu.

Olhei para o noivo, cujo rosto estava sombrio, jogado numa cadeira. Não

parecia o mesmo homem.

– Wyatt – eu disse –, preciso de um momento a sós com o Charlie.

– Ele pode ficar – Charlie disse em voz baixa. – É meu amigo.

“É mesmo”, senti-me tentada a dizer, “um amigo que quer acabar com seu casamento e te apunhalar pelas costas”. Em vez disso, apenas murmurei:

– Wyatt precisa se arrumar para a cerimônia.

O padrinho sorriu para mim.

– Você não ouviu? O casamento foi cancelado.

– Não é você que decide isso – eu disse.

– Por que você se importa? – Wyatt perguntou. – Vai ser paga do mesmo jeito.

– Eu me importo com Charlie e Sloane. E me importo com as pessoas que trabalharam duro para tornar este dia especial para os dois.

– Bem, conheço esse cara desde o primeiro ano. E não vou deixar que você e seus lacaios o pressionem só porque Sloane Kendrick decidiu que era hora de colocar um laço no pescoço dele.

Fui até Charlie e lhe entreguei a bebida. Ele a aceitou com gratidão. Eu peguei meu celular.

– Wyatt – eu disse num tom de voz decidido, enquanto rolava minha lista de contatos. – Sua opinião não é relevante. Esse casamento não lhe diz respeito. Gostaria que você saísse, por favor.

Ele riu.

– Quem vai me obrigar?

Ao encontrar o número de Ray Kendrick, liguei para ele. Ex-peão de rodeio, o pai de Sloane era do tipo de homem que, apesar das costelas quebradas e dos órgãos machucados, dispunha-se a montar num animal enfurecido de uma tonelada para uma cavalgada, o que era equivalente a ser atingido várias vezes entre as pernas com um taco de beisebol.

– Kendrick – Ray atendeu.

– É a Avery – eu disse. – Estou aqui ao lado com Charlie. Estamos tendo um problema com o amigo dele, Wyatt.

Ray, que tinha ficado visivelmente incomodado com o comportamento de Wyatt no jantar pré-casamento, perguntou:

– Esse filho da puta está arrumando confusão?

– Está – respondi. – E pensei que você provavelmente gostaria de ensinar a ele como se comportar no grande dia de Sloane.

– Pensou certo, querida – Ray disse com entusiasmo. Como eu tinha imaginado, ele parecia mais do que feliz por ter algo para fazer além de ficar de *smoking* conversando amenidades. – Vou até aí para falar com ele.

– Obrigada, Ray.

Quando eu terminava a ligação, Charlie se deu conta do nome e seus olhos saltaram.

– Merda. Você chamou o pai da Sloane?

Dei um olhar gelado para Wyatt.

– Se eu fosse você, desapareceria – eu disse. – Ou dentro de alguns minutos não vai restar de você nem o bastante para carregar uma escopeta.

– *Vaca*. – fuzilando-me com o olhar, Wyatt saiu como um furacão.

Tranquei a porta atrás dele e me virei para Charlie, que tinha engolido o drinque. Ele não conseguiu me encarar.

– Wyatt só está tentando cuidar de mim – ele murmurou.

– Sabotando seu casamento? – Puxei uma poltrona e me sentei de frente para Charlie, forçando-me a não olhar para o relógio nem pensar no quanto eu precisava trocar de roupa. – Charlie, tenho acompanhado você e a Sloane desde o começo do noivado até agora. Eu acredito que você a ame. Mas a verdade é que nada do que Wyatt dissesse teria feito diferença se não houvesse algum problema. Então, conte para mim qual é.

O olhar de Charlie encontrou o meu, e ele fez um gesto de desalento enquanto respondia.

– Quando a gente pensa em quantos casais se divorciam, é maluco pensar que alguém queira se arriscar. Uma probabilidade de divórcio de cinquenta por cento. Que cara com a cabeça no lugar aceitaria esse risco?

– Essa é uma probabilidade geral – eu disse. – Mas não é a probabilidade de vocês. – Vendo a confusão dele, continuei: – As pessoas se casam por todos os tipos de motivos errados: entusiasmo passageiro, medo de ficarem sozinhas, gravidez não planejada. Algum desses se aplica a você ou à Sloane?

– Não.

– Então, quando pessoas como vocês são tiradas da conta, as suas probabilidades se tornam bem melhores do que cinquenta por cento.

---

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

---

00000>